

MEMÓRIAS EM CONFLITO: a Balaiada e as disputas de memória das elites políticas no Piauí oitocentista

Pedro Vilarinho Castelo Branco*

Ao desenvolver pesquisa sobre as masculinidades no Piauí do final do século XVIII e no século XIX, percebemos que, nos relatos de memória, ou mesmo nos textos de caráter literário ou historiográfico, há sempre menção aos feitos heroicos dos antepassados masculinos, em alguns processos históricos, caracterizados por momentos de atividades de guerra. Dessa forma, os conflitos entre colonizadores e indígenas, as lutas pela posse da terra, a posterior montagem dos currais para a pecuária, as lutas pela independência e finalmente a Balaiada são momentos privilegiados, marcos na construção das memórias dos antepassados, e parecem ser balizas históricas para a afirmação de certo caráter viril, guerreiro, dos homens de elite envolvidos nesses conflitos.

A escrita é utilizada como meio de perpetuar a memória e os feitos dos antepassados; nesses relatos os patriarcas são caracterizados como defensores de um modo de vida, dos interesses familiares, da ordem, da liberdade, ou ainda como feitos de caráter patriótico.¹

A Balaiada, como dito anteriormente, é um desses eventos que marcam a memória e a história da Província do Piauí. Exatamente por sua magnitude, tornou-se desde o momento em que se dava o conflito real, também um palco de lutas simbólicas. A disputa pela memória, pela imposição de uma verdade dos fatos, a definição do caráter dos envolvidos nas lutas, tudo é motivo de preocupação e espaço de contestações que se fazem presentes ainda hoje na sociedade piauiense.

Diante do exposto a intenção é revisitar alguns artigos de jornais, relatos de memórias, textos literários e/ou historiográficos que tratem ou que façam menção ao conflito da Balaiada, como também entender de que forma esse movimento impactou na

* Doutor em História, Professor do Departamento de História da UFPI e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFPI. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí (IHGPI).

¹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Entre a História e a Memória: práticas masculinas no Piauí oitocentista. Projeto História (PUCSP), v. 45, p. 187-217, 2012.

afirmação das virilidades e na construção das memórias no Piauí do século XIX. Na construção do argumento, analisaremos particularmente três personagens que ganham centralidade nos relatos e nos conflitos de memória, quais sejam: o Major Manoel Clementino de Sousa Martins,² Lívio Lopes Castelo Branco da Silva,³ e Manuel de Sousa Martins,⁴ o então Barão da Parnaíba. Os três personagens escolhidos, mesmo contando com particularidades que os singularizam, são alçados, pelos escritos, ao centro dos relatos que perpetuam as memórias da Balaiada.

No itinerário, procuraremos mostrar os embates presentes na escrita, que, ao sabor hora das tendências políticas, hora dos afetos, dos sentimentos, procuram definir, criar os três personagens escolhidos. Os relatos encontrados constroem os personagens em um pêndulo, e mostram possibilidades masculinas, dentro das condições existenciais do século XIX, particularmente homens rurais, em seus territórios de mando em momento de guerra, de construções discursivas filtradas por modelos escriturísticos que procuram enquadrar as masculinidades em padrões modernos, nos quais ideias e valores — tais como o fervor patriótico, a defesa da liberdade e dos interesses públicos mais nobres e elevados — seriam ideias marcantes e supostamente presentes no caráter e motivação para a ação desses homens.

Entendemos que há uma disputa de memórias que procura, num jogo de claro e escuro, heroicizar ou desqualificar os três personagens, e esse conflito tem como pano de fundo a construção e a afirmação de identidades, e a legitimação de espaços e domínios políticos. Os autores que escrevem sobre a Balaiada acabam por perpetuar a memória e os feitos dos personagens que ali atuaram, fazendo com que os mortos continuem a atuar

² MANUEL CLEMENTINO DE SOUSA MARTINS nasceu em 1799 e faleceu em agosto de 1839. Militar, atuou nos conflitos Revolução Pinto Madeira, movimento de caráter restaurador no Ceará, em 1832, e na Balaiada, em 1839, sendo morto em combate. Era filho do Coronel Joaquim de Sousa Martins e sobrinho, afilhado e genro de Manuel de Sousa Martins (Visconde da Parnaíba).

³ LÍVIO LOPES CASTELO BRANCO E SILVA nasceu em Campo Maior, em 1813, e faleceu em Parnaíba em 1869. Foi jornalista, advogado e escritor, exerceu vários cargos públicos no Piauí, foi ativo participante no Movimento da Balaiada e, por este motivo, foi perseguido pelo Visconde da Parnaíba, Manuel de Sousa Martins, mesmo após o perdão concedido pelo Imperador Dom Pedro II.

⁴ MANUEL DE SOUSA MARTINS nasceu em Oeiras, Piauí, em dezembro de 1767, em Oeiras, e faleceu em 1856. Foi personagem importante no processo da independência da província do Piauí, assumindo a presidência do Conselho de Governo, no período de 1825-1828 e a Presidência do Piauí de 1831 a 1843. Por sua participação na política e em contendas militares, sempre se mostrando fiel aos interesses do Império brasileiro, foi agraciado com os títulos de Barão e posteriormente de Visconde da Parnaíba.

sobre os vivos, que sirvam de exemplo; por isso, muitas imagens são construídas usando o filtro que esconde, deixa na sombra gestos e ações desabonadoras.⁵ Os escritos e os efeitos de verdade que procuram criar são instrumentos a serem manipulados na luta pelo poder, desenvolvida pelos grupos que dominam ou que procuram dominar as sociedades.⁶

Outra reflexão que se faz presente no entendimento da documentação escolhida e na forma como vão ser manipuladas diz respeito à ideia de memória histórica, conforme tratada por Durval Muniz, quando distingue a História, da Memória histórica, e afirma que, enquanto a história busca ir além da imagem que os próprios grupos fazem de suas ações, a memória histórica se deixa impregnar pela visão imediata do grupo; ou seja, as memórias históricas são criações que — ao tempo em que estão presas aos grupos que as produzem — expressam a visão de mundo dos grupos que as produziram.⁷ Partimos com a ideia de que as fontes escolhidas, mesmo algumas que se identificam, que reivindicam para si o rótulo da história, estão mais próximas da ideia de memória histórica como aqui definida.

Um último pressuposto que precisa ser esclarecido no momento em que iniciamos o nosso argumento refere-se ao entendimento da Balaiada. Acreditamos que, para além das legítimas interpretações do movimento, como uma rebelião de caráter social, em que grupos de homens pobres, oprimidos pelos métodos de recrutamento militar entre outras práticas autoritárias impostas pelo distante Estado, existem outras possibilidades de pensar e dizer o movimento.

A Balaiada foi também momento privilegiado para reivindicações políticas, para conflitos entre grupos oligárquicos. Os adversários políticos do Barão da Parnaíba, que já governava o Piauí há quase vinte anos, perceberam, no clima tenso que se passava, a oportunidade de questionar e mesmo de afastar do poder o Barão da Parnaíba e o seu grupo político, concentrado na região Centro-Sul do Piauí, em torno da capital Oeiras. Essa linha de raciocínio interpretativo se fará presente.

⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego. In: Nos destinos de fronteira. Recife: Bagaço, 2008. p. 350-371.

⁶ LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 1994. p. 426.

⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: **História**: a arte de inventar o passado. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

Iniciaremos a construção do argumento pela análise do *Jornal O Telégrafo*, por entendermos que esse veículo de comunicação, criado pelo Governo da Província do Piauí, no final de 1839, é o primeiro a utilizar a escrita para construir uma versão da Balaiada e de seus personagens no âmbito da referida Província. O Telégrafo tinha como principal objetivo manter a população informada sobre os acontecimentos da guerra desenvolvida contra os rebeldes balaios. Possivelmente, a criação do referido jornal tenha ocorrido quando o Presidente da Província do Piauí dá-se conta da dimensão que o Movimento Rebelde ganha no Maranhão e no Piauí, particularmente pelo envolvimento de grupos da elite agrária, o que dava ao movimento, também, um inequívoco caráter político, uma disputa de grupos oligárquicos pelo domínio do poder provincial. A tomada de Caxias, o envolvimento de Lívio Lopes Castelo Branco na referida ação, somada à inesperada e dolorosa morte em combate de Manuel Clementino são fatos que, possivelmente, trouxeram à Província do Piauí e ao grupo político que monopolizava o Governo Provincial a urgente demanda de legitimar suas ações no combate, ao tempo em que procurava deslegitimar os adversários, priorizando, de início, a desconstrução dos que colocavam em risco o seu domínio político na Província do Piauí.

Os editores do jornal, ao iniciar a construção de uma narrativa para a Balaiada, escolhem retroceder no tempo, narrar alguns acontecimentos iniciais do movimento, quem sabe, na tentativa de estabelecer algumas balizas enunciativas sobre os fatos. Os editores afirmam ainda que, sobre essa retrospectiva histórica, não tratarão das incursões de Raimundo Gomes no Piauí, mas sim dos acontecimentos envolvendo Lívio Lopes Castelo Branco e o cerco da cidade de Caxias pelos rebeldes, as desventuras sofridas pela população de Caxias, após a invasão dos balaios, bem como as malogradas tratativas desenvolvidas por Lívio Castelo Branco, com o Governo do Maranhão, após a tomada de Caxias.⁸ Outro assunto tratado com detalhes pelo jornal, na sua retrospectiva, são as ações do Major Manuel Clementino de Sousa Martins no campo de batalha até o momento da sua morte, que é retratada com riquezas de detalhes.⁹

⁸ O Telégrafo. n. 1, Oeiras, nov. de 1839. Tipografia Provincial, p. 2.

⁹ O Telégrafo trata das ações de Manuel Clementino, até o momento de sua morte, nas edições de n. 1 a 6.

O jornal define Manuel Clementino e Lívio Lopes Castelo Branco como principais protagonistas e antagonistas no enredo inicial da Balaiada. Acreditamos que o silêncio inicial do líder popular, Raimundo Gomes, se dá pela percepção de que o perigo maior vinha de Lívio Lopes Castelo Branco, o seu sucesso poderia motivar outros grupos da elite a apoiarem um possível levante contra a estrutura política de poder, controlada pelo Barão da Parnaíba.

O MAJOR MANUEL CLEMENTINO DE SOUSA MARTINS

Passando a analisar o Major Manuel Clementino, podemos afirmar que a construção discursiva do militar em patamar de superioridade e heroicidade é iniciada ainda durante os embates da Balaiada. Os primeiros relatos que objetivam construir essa imagem são escritos no *Jornal O Telégrafo*, ainda na sua edição inaugural, quando o editor afirma que o Presidente da Província havia confiado ao valente Manuel Clementino de Souza Martins, de saudosa memória, o comando de todas as tropas oficiais envolvidas no combate aos rebeldes balaios. No relato, são expressos a certeza da vitória no enfrentamento, dado o já conhecido valor militar do comandante das forças governistas, bem como o fato de estarem lutando contra inimigos desqualificados, que atuavam motivados pela sanha, pelo desejo de roubar e destruir a tranquilidade e a propriedade de homens de bem.¹⁰

Dando sequência, o *Jornal O Telégrafo* informa, em seu terceiro número, as ações do referido militar, comandante das tropas legais do Piauí, contra os rebeldes na região de Pastos Bons, no Maranhão. Afirma também que a presença de Manuel Clementino havia dado novo ânimo às populações ali residentes, pois sentiam que suas vidas e suas propriedades estariam a salvo com a proteção do militar.

O Telégrafo constrói na sua escrita a forma como Manuel Clementino, por onde passava, levava esperança e segurança aos homens de bem. A sua bravura e o seu espírito de liderança faziam com que os rebeldes temessem a presença do campeador da Ordem. No entanto, todas as esperanças depositadas em Manuel Clementino se esvaneceram com

¹⁰ O Telégrafo. Oeiras, 25 de novembro de 1839, n. 1, p. 3.

sua repentina morte em setembro de 1839. Na edição n. seis, *O Telégrafo* faz um épico relato quanto à ação de Manuel Clementino na batalha e sobre o momento em que foi mortalmente atingido:

Arroja seu cavalo sobre a mata que podia ocultar o adversário, e muitas vezes já a tinha sob os pés do animal quando via o cornudo de fogo, que dela saía, levado de uma coragem, que degenerava em imprudência, fazia por si só o que cumpria a todo o exército, e quase no centro das adversas trincheiras é tocado no carpo que sustinha a espada, obrigando-o a passa-la a mão esquerda. Como que enfurecido por ter sido ofendido por tão vis inimigos, lança-se a eles com tal impetuosidade que se não fossem tão covardes, poderiam ter o cercado e aprisiona-lo, mas era tal o terror da sua presença, que velozmente corriam dando tiros sem direção. Não contente em fazê-los desalojar meia légua de mata, continua a persegui-los, e é quando quase ao mesmo tempo recebe um tiro em um olho, que lhe vasou, e uma bala sobre o umbigo, e sentindo-se sem forças, e passado de dor, manda a seus ordenanças que o escondam, que não avise aos outros sobre seu estado e que continuem a avançar contra os inimigos. *Com palavras roubadas à morte brada: avancem camaradas, por morrer um homem não se perde a causa, morro contente por haver empregado meus dias no serviço da minha Pátria, e ela ajudar-me-á ajudando a minha família.*¹¹

Na continuidade do relato, o jornal descreve como as palavras finais e a morte heroica do Major Manuel Clementino serviram de estímulo para os soldados legalistas. Após a morte, Manuel Clementino é enaltecido, na parte inicial do texto, antes do relato da sua morte, o editor do jornal enfatiza a heroicidade de seus últimos gestos, sua bravura contagiosa como soldado, sua impetuosidade em favor dos interesses pátrios, como os traços mais eloquentes de sua personalidade.

O culto a Manuel Clementino continua em *O Telégrafo* de n. 8, quando é publicada a carta do Governador do Maranhão, lamentando a morte do corajoso e heroico militar piauiense. No n. 14, são feitas referências ao último ataque empreendido por Manuel Clementino aos rebeldes, e também ao aprisionamento de correspondências rebeldes, onde esses ao se referirem supostamente a ele diziam: “que já não existia o homem a quem temíamos”.

¹¹ O Telégrafo. Oeiras, 9 de dezembro de 1839, n. 6, p. 3-4.

Em *O Telégrafo* de n. 21, é publicado um soneto escrito em homenagem ao Major Manuel Clementino, que fora lido ainda nas homenagens pós-morte.

Equilibrado nas asas da vitória às portas do Olimpo ufano bate
Coroadado de louro por esmalte, por timbre e galardão, virtude e glória
Seu nome indelével na memória está por toda parte;
Aluno esclarecido do deus Marte, seus feitos abrilhantam nossa história.
Pais, parentes, amigos não choreis: Clementino feliz em melhor vida é
proclamado defensor das leis.
Pio, honrado, e bom cá nesta vida, viver nessa e os anjos mereceis;
Eis a sorte que ao justo é prometida.
Elogio merecido, e mal tecido / por [...] ¹²

Em *O Telégrafo* de n. 26, é postada a notícia de que o Governo Imperial, mesmo sem petição, mas apenas por reconhecer os méritos e serviços prestados à Nação, acabara de conceder uma pensão de 600\$000 (seiscentos mil réis) à viúva do Major Manuel Clementino de Sousa Martins, D. Maria Josefa Clementino de Sousa. ¹³

Entendemos que as referências sempre positivas à figura de Manuel Clementino, no *Jornal O Telégrafo*, têm nitidamente a intenção de deliberadamente heroicizar o personagem, de construir sua imagem sem máculas, homem de espírito elevado, devotado à pátria. Suas supostas palavras finais têm claramente o objetivo de tirar qualquer dúvida acerca de suas motivações superiores e o seu merecimento como militar e como homem.

O que podemos pensar do impacto de um jornal numa sociedade profundamente marcada pelo analfabetismo, como era o caso da Província do Piauí? Acreditamos que, em primeiro lugar, a intenção do Presidente da Província era alcançar as elites e dissuadi-las de seguir o caminho de Lívio Lopes Castelo Branco que havia aderido ao movimento, bem como utilizar o espaço do jornal para criar uma verdade sobre a Balaiada, convencer a população de que o Governo do Piauí estava agindo fortemente no combate aos rebeldes. Se poucas pessoas teriam acesso direto ao texto escrito, as notícias publicadas teriam outras formas de circular, seja em leituras coletivas, ou mesmo na vulgarização posterior por meio da propagação oral.

¹² O Telégrafo. Tipografia Provincial, Oeiras, 30 de janeiro de 1840, n. 21, p. 4.

¹³ O Telégrafo. Tipografia Provincial, Oeiras, 17 de fevereiro de 1840, n. 26, p. 4.

Analisando outras fontes escritas, ainda do século XIX, em que o personagem Manuel Clementino é abordado, podemos citar alguns relatos, de caráter historiográfico, como os de J. M. Pereira de Alencastre¹⁴ e de Gonçalves de Magalhães,¹⁵ historiadores que fundam a temática da Balaiada, dando caráter historiográfico a seus escritos. Alencastre, parece buscar a posição de neutralidade, que, segundo sua compreensão deveria ser a postura mais adequada a quem pretende assumir a função de historiador. No artigo, *Notas diárias sobre a revolta civil que teve lugar nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará pelos anos de 1838, 1839, 1840 e 1841*, escritas em 1884, à vista de documentos oficiais, são descritos cronologicamente os acontecimentos da Balaiada, desde dezembro de 1838, quando Raimundo Gomes ataca a Cadeia Pública da Vila da Manga, soltando os presos, até os eventos finais em abril de 1841, quando a Balaiada é proclamada extinta também na Província do Piauí.

Sobre o Major Manuel Clementino, Alencastre relata burocraticamente sua participação nas lutas, como assumiu o comando das forças legalistas do Piauí, seus ataques aos rebeldes no Maranhão, assevera sobre suas ações, e de como, aparentemente, por seu perfil atilado e impiedoso diante dos adversários, os rebeldes retrocediam certamente temerosos da sua presença. No que se refere a sua morte, é econômico, afirmando que “a morte de Clementino deixou nas fileiras da legalidade espaço bem difícil de preencher”.¹⁶

Gonçalves de Magalhães, ao tratar da Balaiada no livro *Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840*,¹⁷ faz referências, no lacônico capítulo 14, ao Major Manuel Clementino, suas ações militares

¹⁴ ALENCASTRE, J. M. Pereira de. *Notas Diárias sobre a revolta civil que teve lugar nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará, pelos anos de 1838, 1839, 1840 e 1841*, escritas em 1884 à vista de documentos oficiais. **Revista do IHGB**, n. 35, 1872.

¹⁵ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. **Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão. Desde 1839 até 1840**. São Paulo: Siciliano, 2001.

¹⁶ ALENCASTRE, J. M. Pereira de. *Notas diárias sobre a revolta civil que teve lugar nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará pelos anos de 1838, 1839, 1840 e 1841*, escritas em 1884, à vista de documentos oficiais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 35, 1872.

¹⁷ Domingos José Gonçalves de Magalhães, ou, como é mais conhecido, Gonçalves de Magalhães, acompanhou Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, ao Maranhão no período da Balaiada, assumindo o posto de Secretário do Presidente da Província. O texto, *Memória histórica e documentada da Revolução do Maranhão*, de sua autoria, foi publicado pela primeira vez na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1848.

no Maranhão e sobre sua morte. No relato, Gonçalves de Magalhães afirma que as ações militares de Manuel Clementino, embora breves, trouxeram esperança à legalidade, que, por onde se movimentou, sempre obteve vantagem contra os rebeldes; entretanto, no combate no Morro do Agudo, quando já contava com a vitória, foi mortalmente ferido e acabou sua glória e carreira.¹⁸ Segundo Magalhães, a notícia da morte de Manuel Clementino ensoberbeceu os revoltosos, fez com que ganhassem simpatias e apoios, ao tempo em que muitos passavam a ver como duvidosa a vitória da legalidade no movimento.

Os relatos tratados até o momento atestam a importância de Manuel Clementino no combate às forças rebeldes; contudo, enquanto os relatos do *Jornal O Telégrafo* dão caráter épico aos seus feitos miliares, o colocam em patamar elevado e movido por valores superiores; os relatos historiográficos reconhecem seu valor militar, porém, são parcimoniosos no julgamento do caráter do homem Manuel Clementino.

O Major Manuel Clementino também é alvo da escrita de autores que, falando de outros lugares da sociedade, porta-vozes de outros interesses e memórias, procuram mostrar possibilidades de dizer o personagem de forma diferente. No *Trabalho Balaiada*, escrito por Clodoaldo Freitas,¹⁹ e no texto *Conto Histórico*, escrito por Cruz Monteiro,²⁰ e publicado no *Jornal Diário do Piauí*, n. 224, no ano de 1912, aparecem relatos que mostram o conflito de memórias e de interesses que marcam os escritos sobre Manuel Clementino.

Se até então evidenciamos escritos que apontam o valor de Manuel Clementino como militar, procurando enfatizar mais suas qualidades que seus defeitos, passamos agora a dar evidência a outras formas de perceber e dizer o personagem. Clodoaldo Freitas começa a caracterização do Major Manuel Clementino discordando significativamente de algumas afirmações encontradas nos relatos do *Jornal O Telégrafo*, ao tempo em que faz afirmações que desconstroem a memória que heroiciza Manuel Clementino.

¹⁸ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840. São Paulo: Siciliano, 2001.

¹⁹ O Livro *Balaiada*, de Clodoaldo Freitas, foi escrito em 1894, e esteve inédito até a publicação agora dos originais, em trabalho organizado pela Profa. Dra. Teresinha Queiroz.

²⁰ MONTEIRO, Cruz. *Conto Histórico: O Major Irineu Gomes Correia. Diário do Piauí*. Teresina, 1912, n. 24.

Clodoaldo Freitas afirma em seu texto, escrito em 1894, que não ambiciona ter estritamente caráter historiográfico, mas ser uma crônica sobre os acontecimentos da Balaiada no Piauí. Quanto às informações presentes na escrita, também afirma que consistiram fruto de dez anos de pesquisa nos documentos existentes na Secretaria do Governo do Estado do Piauí, bem como de relatos de memória, fornecidos por oficiais e soldados que militaram nessa guerra.

Conforme asseveramos anteriormente, as imagens de Manuel Clementino, construídas no texto de Clodoaldo Freitas, partem de outras referências, atende a outros interesses, particularmente diferentes dos que informam as notícias e memórias retratadas no *Jornal O Telégrafo*. Dessa forma, segundo Clodoaldo Freitas,²¹ grande parte da fama e do prestígio de Manuel Clementino se devem às suas vinculações familiares, mais especificamente ao fato de ser genro, sobrinho e afilhado do Barão da Parnaíba.

Os vínculos de parentesco e o apreço que o tio nutria pelo sobrinho explicam, segundo ele, o elevado patamar onde o militar foi colocado na História do Piauí. O autor declara, ainda, que, do ponto de vista militar, Manuel Clementino não tem grandes feitos que justifiquem sua glorificação, não havia feito algo brilhante ou digno de menção honrosa; assegura mesmo que sua carreira militar seria obscura se o cargo de comandante das tropas legalistas do Piauí, nos combates da Balaiada, não viesse a “ensopá-lo de sangue e lágrimas”. Para Clodoaldo Freitas, Manuel Clementino era um homem assomado e insolente, que se distinguia unicamente pela crueldade e selvagem perseguição que desenvolveu contra os soldados inimigos; e mesmo, em algumas ocasiões, contra os próprios amigos do governo que ia socorrer.²²

Na continuidade do relato, Clodoaldo Freitas faz menção a alguns eventos da missão militar comandada por Manuel Clementino, nas terras do Maranhão, à procura de combater os balaios. É assim que retrata a forma agressiva como enfrenta um pequeno grupo de rebeldes nas proximidades do vilarejo de mirador, no Maranhão, e como, depois

²¹ Clodoaldo Freitas assume posições políticas contrárias ao grupo dos herdeiros do Visconde da Parnaíba; e, assim, em alguns escritos seus, dá visibilidade a lideranças que fazem oposição ao grupo capitaneado pelos Sousa Martins, ao tempo em que procura também questionar figuras emblemáticas como Manuel Clementino e o próprio Visconde da Parnaíba entre outros.

²² FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**, 1894. p. 6.

de fazer os adversários recuarem, entra na povoação, onde junto aos soldados realizam o saque de tudo o que encontraram de valor no lugar:

O saque foi completo, geral, sendo desenterrados muitos objetos de prata e ouro e descobertos outros escondidos no mato. O comandante estacionou a pequena distância e mandou incendiar o povoado, cujas casas, pela maior parte de palha, foram rapidamente devoradas pelas chamas. Deixava por onde passava a destruição e as ruínas para tirar, segundo dizia, todos os recursos dos rebeldes.²³

Clodoaldo ainda faz menção ao fato de que, pelo menos em duas situações, o Major Manuel Clementino agrediu, violentamente, mulheres de proprietários de fazendas que, supostamente, estavam envolvidos com os rebeldes. No Sítio Santa Rita, lançou-se como um louco sobre a mulher, insultando com palavras torpes, ameaçando matá-la, se não confessasse onde o marido estava escondido, ao tempo em que exigia que lhe desse dinheiro ou bens de valor.

Um segundo caso teria ocorrido na Fazenda melancias, onde Manuel Clementino agrediu a Senhora Dona Rosa da Costa Alvarenga, exigindo informações sobre o paradeiro de seu esposo, bem como dinheiro e joias, chegando mesmo a segurá-la brutalmente pelos cabelos e a espancá-la, como forma de coação para conseguir os seus objetivos.

Na opinião de Clodoaldo Freitas, Manuel Clementino pagou caro por ter cometido o erro de ultrajar senhoras honradas, pois o tiro que o abateu, em pleno combate, não teria partido das linhas de frente dos balaios, mas de um soldado engajado nas tropas comandadas por ele. João Raimundo, afilhado de Dona Rosa da Costa Alvarenga, uma das duas senhoras ultrajadas por Manuel Clementino, tomou para si a deliberação de vingar a dita senhora. Alistou-se voluntariamente nas forças legais, e, na primeira oportunidade, lavou com o sangue do seu comandante as ofensas sofridas pela madrinha. Fora ele o autor do tiro certo que abatera o temido Major Manuel Clementino.

Clodoaldo Freitas não poupa palavras no ataque ao caráter e ao comportamento do Major Manuel Clementino, chama a atenção para o fato de que este só atuou na Balaiada por dois meses, período em que perseguiu os rebeldes, sem na verdade enfrentar

²³ Freitas, Clodoaldo. **A Balaiada**. 1894. p. 9.

qualquer grande batalha com o inimigo, onde pudesse demonstrar o seu valor militar ou sua capacidade tática na guerra.

Completando sua análise dos feitos e da memória de Manuel Clementino, Clodoaldo o define como: gênio sombrio da destruição e do mal. Desconstrói a imagem de idoneidade moral e honestidade de Manuel Clementino, quando afirma:

Sedento de ouro, aproveitando-se da desordem da guerra civil para avolumar a sua fortuna, por meio dos saques mais criminosos e vis, o chefe das forças legais deixou uma amaldiçoada e triste memória. [...] A grosseria do seu trato particular, o uso constante, habitual que fazia de palavras obscenas e ofensivas; o modo incivil com que trata, no serviço ou fora dele, as pessoas; o exagero com que procurava vingarse dos seus desafetos; [...] juntos à improbidade manifestada nesses saques praticados em casas de pessoas insuspeitas, cujo único crime era a abastança, fazem dele um tipo execrando, quer como militar, quer como soldado.²⁴

O autor descreve as ações de saque empreendidas pelos soldados legalistas com a anuência e mesmo com a participação do comandante; essas práticas, aliadas à forma brutal como Manuel Clementino trata as pessoas que se colocavam contra sua vontade imediata, são, na escrita de Clodoaldo Freitas, práticas que maculam o caráter e o comportamento do comandante das tropas governistas e que lhe tiram a grandeza heroica, a elevação de caráter, o brilho da positividade na motivação em nome de sentimentos elevados.

Em outras palavras, Clodoaldo Freitas assevera que as ações de Manuel Clementino eram motivadas por interesses e sentimentos inferiores, tais como: o ódio, a crueldade, a ganância, a vingança, o roubo legitimado pela lógica da guerra civil, que justificava o saque pela fragilização material e espiritual do adversário.

A construção discursiva do Major Manuel Clementino ganha tons obscuros também no relato escrito por Cruz Monteiro e publicado no *Jornal Diário do Piauí*, em 1912. A pretexto de enaltecer a imagem do Major, surge Irineu Gomes Correia, proprietário e chefe político ligado às elites da cidade de Marvão,²⁵ no Piauí, a quem Cruz Monteiro define como um homem de elevadas qualidades individuais, como: a

²⁴ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. p.18.

²⁵ A cidade de Marvão foi criada ainda no Piauí colonial e tem hoje a denominação de Castelo do Piauí.

generosidade de coração, a correção no trato com as pessoas e o respeito extremado a mulheres honradas.

As informações constantes no artigo de Cruz Monteiro que aqui nos interessam dizem respeito à participação do Major Irineu Gomes Correia, na Balaiada, sob o comando de Manuel Clementino, e o relato dos impasses havidos entre os dois. Em determinado momento do conflito da Balaiada, o Major Irineu Gomes Correia recrutou e armou um pequeno exército de 200 homens e engajou-se nas forças governistas sob o comando de Manuel Clementino. O trecho do relato de Cruz Monteiro que nos interessa diz respeito à sua versão sobre o ataque à casa de Dona Rosa da Costa Alvarenga, assunto já tratado anteriormente, tendo como fonte os escritos de Clodoaldo Freitas.

Desta feita, Cruz Monteiro afirma que a casa foi cercada durante a noite, e a ordem era prender ou matar o proprietário que era tido como um líder balaio. Ao amanhecer, a casa foi invadida e o proprietário estava ausente. Ato contínuo, o Major Manuel Clementino autorizou os soldados a saquearem a casa, em seguida a esposa do proprietário, Dona Rosa Alvarenga, foi trazida à presença de Manuel Clementino, que a interrogou asperamente, indagando sobre o paradeiro do esposo, insultando-a com palavras grosseiras e mesmo dando-lhe uma bofetada na face.

Ao silêncio da mulher, Manuel Clementino ordenou que esta fosse desnudada diante da soldadesca. A Senhora, olhando para o Major Irineu Gomes Correia, pediu que a livrasse de tal ofensa, no que o referido Major se posicionou à frente de Manuel Clementino impedindo-o de continuar com suas ofensas à honra daquela mulher.

O relato de Cruz Monteiro mostra como o Major Irineu Gomes Correia ficou indignado com o modo grotesco, rústico e inadequado com que Manuel Clementino tratou Dona Rosa Alvarenga, que, a despeito dos erros cometidos por seu esposo, pois supostamente estava no apoio ao Movimento Rebelde, não merecia ser destrutada, desonrada daquela forma. Cruz Monteiro procura, com o relato, evidenciar a forma grotesca pela qual Manuel Clementino se comportava diante de uma mulher honrada.

No mesmo artigo, Cruz Monteiro narra uma segunda desavença ocorrida entre Manuel Clementino e Irineu Gomes Correia; desta feita, o Comandante, ao cercar a casa de um outro líder balaio, e não conseguindo encontrá-lo, autoriza que a soldadesca

promova o saque por toda a propriedade, atitude condenada pelo Major Irineu Gomes. Finalizando o relato das desavenças entre Manuel Clementino e Irineu Gomes Correia, Cruz Monteiro relata ainda que o primeiro, encolerizado pela forma como o Major Irineu Gomes Correia o havia enfrentado e mesmo desautorizado, resolve vingar-se em um sargento das forças legalistas, que era sobrinho do referido Major, a quem Manuel Clementino ordenou que realizasse uma faxina aviltante. Como o Sargento se negara a realizar as ordens, Manuel Clementino determinou que o mesmo fosse punido com cinquenta vergastadas, o que acabou por provocar outro desgaste na relação com Irineu Gomes Correia.

A pretexto de enaltecer o caráter do Major Irineu Gomes Correia, a quem define como um homem movido por princípios elevados, justo, honesto, leal, incapaz de desonrar uma mulher digna, Cruz Monteiro desqualifica Manuel Clementino, à medida que o caracteriza como antagonista ao perfil traçado para Irineu Gomes.

O relato de Cruz Monteiro é relevante, ainda, por atestar a versão de Clodoaldo Freitas sobre a motivação da morte de Manuel Clementino em batalha. Afirma que o referido militar fora atingido durante o combate, mas que a arma partiu de um soldado das tropas legais e possivelmente para vingar as ofensas direcionadas à Dona Rosa da Costa Alvarenga.

Os relatos de Clodoaldo Freitas e de Cruz Monteiro nos ajudam a compreender a complexidade da teia discursiva, e dos interesses que cercam a construção da memória de Manuel Clementino. O texto de Clodoaldo Freitas manteve-se na sua integralidade inédito até o presente; diante disso, não é possível a análise da recepção da obra sobre a Balaiada e das impressões provocadas por sua definição de Manuel Clementino, no entanto, o relato de Cruz Monteiro, a despeito de ser um texto inequivocamente de dimensões inferiores, mas pela particularidade de ter vindo ao conhecimento público quando editado no *Jornal Diário do Piauí*, no ano de 1912, foi veementemente combatido e alvo de críticas que desqualificavam o Major Irineu Gomes Correia ao tempo em que defendia a memória e a heroicidade de Manuel Clementino.

É assim que o Coronel Benedito de Sousa Brito, vinculado aos grupos familiares de Oeiras, com o objetivo de defender a memória da família Sousa Martins e desqualificar

as afirmações de Cruz Monteiro, no artigo “Conto histórico”, parte em defesa da memória do conterrâneo Manuel Clementino de Sousa Martins, em artigo intitulado *A verdade histórica e o bravo Major Manuel Clementino de Sousa Martins, um dos heróis da Balaiada*, escrito em Oeiras em 1 de janeiro de 1913 e publicado pela Tipografia Paz, Teresina, 1913, assinado por – Um velho amigo da verdade. Ressalte-se que o referido artigo foi republicado no ano de 1980, na *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, n. 2, atestando seu valor na defesa de interesses e memórias que continuavam vivas.

No artigo, o Coronel Benedito de Sousa Brito justifica sua escrita, argumentando que se encontrava revoltado com as invencionices de pessoas que, como Cruz Monteiro, autor do Conto Histórico, não hesitavam em deturpar a verdade para enodoar a memória imperecível dos nossos maiores. Diante do que considerava inverdade e mesmo uma ofensa à memória de Manuel Clementino, e, fundamentado nas tradições verdadeiras e legadas, pessoalmente, pelos contemporâneos da Guerra dos Balaaios, resolveu escrever e refutar a mentira, restabelecendo, segundo ele, a verdade histórica acerca da vida e dos feitos do Major Clementino, cuja bravura, honestidade, energia e moralidade nunca foram postas em dúvida, a não ser há dez anos pelo *Jornal Pátria*, e agora pelo Sr. Cruz Monteiro.²⁶

O Coronel Benedito de Sousa Brito começa a argumentação tratando do movimento da Balaiada, definindo-o como movimento de rebeldia contra a cobrança excessiva de impostos, o que levou ao seu início. Os revoltosos são considerados um bando de selvagens insurgidos, que praticavam toda a sorte de depredações e contínuos assassinatos contra os proprietários; tais rebeldes, incentivados pelos líderes, realizavam saques na Província do Piauí.

Em determinado momento do artigo, o mencionado autor passa a enaltecer o Visconde da Parnaíba, sua família de grande destaque na vida econômica e política do Piauí e Maranhão. Segundo ele, ao sentir o risco eminente da Balaiada ganhar ainda maior vulto no território do Piauí, o Visconde resolve arregimentar forças para a defesa da Província, e, nesse momento, o Major Manuel Clementino se oferece para participar da

²⁶ BRITO, Benedito de Sousa. A verdade histórica e o bravo Major Manuel Clementino de Sousa Martins, um dos heróis da Balaiada. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 2, p.153-161, 1980.

luta armada: “Voou ao apelo da pátria e imediatamente apresentou-se ao seu ilustre sogro e tio, oferecendo-se para a guerra”.²⁷ Fazendo isso, abdicava mesmo da tranquilidade da vida familiar, do convívio doce da esposa e dos filhos, ainda na juventude ou na infância.

A escrita coloca Manuel Clementino diante de um dilema afetivo moderno, do homem que se bate entre dois sentimentos elevados, dignificadores da masculinidade: o sentimento pátrio, de defesa da nacionalidade, e a doce e necessária convivência familiar, onde exerceria uma vida conjugal e paternal marcada pelos afetos. Na escrita em análise, falou mais alto o espírito patriótico, venceu o soldado-cidadão, que, ao defender a pátria estaria defendendo também a família.

O autor afirma que o Barão da Parnaíba, que conhecia a bravura do seu sobrinho, apelou para que não se envolvesse na luta, pois não era conveniente. Entretanto, diante da tenacidade dos patrióticos desígnios do Major Clementino, não houve argumento para removê-lo da ideia de voltar ao campo de batalha. No artigo, Manuel Clementino é definido como um homem de caráter superior, que não tinha sede de vanglórias, não se motivava por honrarias; mas sobravam em seu coração generoso os sentimentos humanitários; não suportava ver impassivelmente os sofrimentos de seus patrícios flagelados por levas de rebeldes que se comportavam como selvagens, assassinos e roubadores de todas as classes e espécies.²⁸

Outro traço de virilidade enaltecido, no personagem Major Clementino, com o sentido de lustrar o seu valor masculino, é a sua capacidade de contagiar os outros homens com o seu exemplo de bravura. No seu relato o Coronel Brito argumenta que o exemplo de Clementino contagiou os jovens de Oeiras:

O exemplo do bravo Major Clementino converteu-se em incentivo à ardorosa plêiade de moços piauienses residentes na capital. Estudantes oriundos de boas famílias, artistas, agricultores de posição decente, em grande parte parentes do Major, ofereceram-se para acompanhar o destemido parente e heroico guerreiro na luta contra os balaios.²⁹

A coragem é comunicativa, assim o perfil de Manuel Clementino montado por Benedito de Sousa Brito, como exemplo de fervor patriótico, incendeia os brios dos outros

²⁷ BRITO, op. cit., n. 2, p. 154, 1980.

²⁸ BRITO, op. cit., Oeiras, 1980, n. 2, p. 155.

²⁹ BRITO, op. cit., Oeiras, 1980, n. 2, p. 155.

homens, que se sentem motivados para lutar e colocar a vida em risco, diante de interesses e valores elevados que seriam, segundo o autor, o amor pátrio, o desejo generoso de ver os concidadãos livres e seguros, diante da opressão, e da indignidade provocada por homens ditos como infames, assassinos, cruéis.

Se observarmos nas entrelinhas da própria escrita de Benedito de Sousa Brito, podemos perceber que, em várias situações, faz referências à família, vincula o prestígio e o poder do Barão da Parnaíba ao seu grupo familiar, à sua potência familiar, em clara demonstração que os homens da Balaiada não se moviam por interesses patrióticos, nacionais, mas sim que colocavam sua vida em risco, incendiavam seus espíritos e se motivavam para a guerra, muito mais por defenderem um socius tradicional, familiar, que pela defesa de um sentimento nacional.³⁰

A escrita do Coronel Brito expressa, assim, uma retórica moderna, cria imagens masculinas que podiam se fazer presentes em situações históricas as mais diversas; e podiam tanto expressar as motivações para a luta de um cavaleiro medieval na Europa, quanto as de um jovem soldado moderno, ou ainda nas construções discursivas de um homem sertanejo envolvido na Balaiada. Essas articulações retóricas exprimem a essência emocional da coragem marcial, caracterizada pelo abandono do egoísmo em meio ao perigo de vida, pela comoção profunda diante da bravura do companheiro, pela volúpia da fidelidade e do sacrifício pessoal. Esse sentimento ascético primitivo seria a base a partir da qual o ideal de cavalaria evoluiu rumo a um imaginário nobre de perfeição masculina, muito próximo de um anseio por uma vida mais bela, mas também uma máscara, por trás da qual um mundo de ganância e violência podia ser discursivamente ocultada.³¹

Todas as ações efetuadas por Manoel Clementino e relatadas por Coronel Brito são fundamentadas nesse espírito de idealização masculina, colada ao personagem em tela. Assim o autor afirma que Clementino, diante da indeclinável necessidade de acudir logo as populações ribeirinhas do Maranhão, não se fez esperar, pôs-se em ação, para defender as populações de bem que se encontravam ameaçadas pelos rebeldes balaios que

³⁰ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social das masculinidades**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

³¹ HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosacnaify, 2010, p. 111.

depredavam as propriedades e trucidavam com a crueldade própria de canibais desenfreados.

Então o heroico Major expedicionário, sem esperar ordens do governo, e levado tão somente pelos nobres sentimentos de patriotismo e humanidade, transpôs o rio acima da vila de Pastos bons, onde começou a atacar os rebeldes e reestabelecer a paz e a garantia aos lugares recuperados aos rebeldes.³²

A construção discursiva de Manuel Clementino tem um de seus pontos altos, no momento em que o autor trata, do incidente que envolve a Senhora D. Rosa Alvarenga. A referida passagem, já tratada no presente artigo, partindo de relatos de Clodoaldo Freitas e de Cruz Monteiro, nos quais ganha cores deletérias e desqualificadoras de Manuel Clementino de Sousa Martins, como um homem de elevados sentimentos morais, adquire, no relato do Coronel Benedito Brito, cores mais suaves e filtradas de gestos grotescos e desabonadores. É assim que o autor afirma:

Quando Manuel Clementino, porém, se aproximava do importante sítio de lavoura de propriedade da respeitável viúva D. Rosa Alvarenga foi bruscamente atacado por forças reunidas nesse sítio, e aí aquarteladas, forças que, segundo então constou, eram alimentadas por essa senhora que aderira à rebelião e acoitava rebeldes.

Indignado com a notícia, o Major avançou sobre o sítio, pondo em retirada os atacantes, e, chegando à casa de D. Rosa verberou-a frente a frente pelo seu procedimento, homiziando rebeldes; mas não praticou nenhuma violência material contra ela ou suas propriedades, não autorizou o saque da propriedade, não deu bofetadas na mulher, não rasgou suas vestes, muito menos a ofereceu nua aos soldados.³³

A construção discursiva de Manoel Clementino, como articulada por Coronel Benedito Brito, termina com o relato filtrado pelos princípios retóricos modernos, diante da situação de confronto, mantém a fleuma, a respeitosa prudência digna de um cavalheiro diante de uma dama. Uma mulher honesta, mesmo que envolvida com os rebeldes, merecia seu respeito e até uma relativa proteção.

Finalizando a análise dos discursos escritos que retratam Manuel Clementino, avaliamos como oportuno apontar a forma como Odilon Nunes e José Expedito Rêgo,

³² BRITO, op. cit., Oeiras, 1980, n. 2, p. 156.

³³ Id. ibid.

quando, em um relato historiográfico e um literário, respectivamente, tratam, na segunda metade do século XX, acerca do militar.

Odilon Nunes, em seus relatos historiográficos sobre a Balaiada e sobre Manoel Clementino, afirma que ele “Já havia conquistado relevo na história militar da província, na Guerra da Independência e na revolta de Pinto Madeira”. Ainda sobre Manoel Clementino, Odilon afirma:

Sua bravura ia até a temeridade, sua honestidade, não admitia transigência. Espírito comunicativo, personalidade dominadora, sua atitude provocou movimento de exaltação, que partindo da mocidade, atingiu toda a família oieirense. Fazendeiros, agricultores, artífices, imediatamente vieram ao reclamo do campeador da ordem legal.

Na sua função de historiador, Odilon direciona sua escrita e sua análise para o aspecto que mais o interessa, ou que lhe parece mais cômoda, enaltece o brilho do militar, afinal de contas, sua missão é construir uma narrativa sobre a Balaiada, evento histórico no qual Manuel Clementino tem, pelo menos no início, papel relevante.

No entanto, acerca do argumento presente na memória, sobre o evento, o autor procura, na história pretérita de Manuel Clementino, justificativas para sua grandeza; evidencia o soldado, o comandante hábil em movimentar suas tropas, sempre em busca de confrontar o adversário na defesa de sua causa. Suas palavras finais sobre o referido comandante parecem buscar o equilíbrio entre o reconhecimento do valor do soldado e as facetas segredadas do homem, aponta a bravura, como sua principal qualidade, entretanto, faz ressalvas às afirmações ufanistas que descreviam Manuel Clementino como um dos melhores militares do Império e o maior do Piauí.³⁴ Elogia a bravura do soldado e vagamente deixa pistas de coisas não ditas quando afirma: “Clementino era incontestavelmente um bravo. Teria sido sem máculas, se houvesse sabido ser generoso”, sem, porém, dar vazão ou maiores justificativas à última afirmação.³⁵

Outro relato que trata de Manuel Clementino e que favorece a construção da sua memória heroica é a obra denominada *Né de Sousa*, biografia romanceada do Visconde da Parnaíba, publicada em primeira edição no ano de 1981.

³⁴ NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2007. v. 3. p. 64.

³⁵ NUNES, O. op. cit., 2007. v. 3, p. 64.

No texto, José Expedito Rego retrata as ações de Clementino, apoiando o tio Manuel de Sousa Martins nas ações que resultaram no levante contra a Coroa Portuguesa e a favor da Independência do Brasil em 1823; em seguida, trata das ações do Major Manuel Clementino na Revolta de Pinto Madeira, ocorrida no Ceará, no ano de 1832, e que tinha caráter restaurador,³⁶ em favor do Imperador D. Pedro I. O Presidente do Piauí, com receio de que a revolta contagiasse os piauienses, resolve enviar tropas comandadas por seu sobrinho Manuel Clementino; nesses acontecimentos de 1832, Manuel Clementino já é retratado de forma positivada na sua bravura como soldado, na sua coragem diante do inimigo como fica expresso no fragmento que segue:

Clementino amava a aventura. Era bravo e corajoso, destemido e cruel. Como o tio era amante da ordem e da disciplina e detestava o roubo e a traição [...] desempenhou-se com garbo e valentia, recebeu depois elogios da Regência. Pós a correr os restauradores. Foi uma estrepitosa debandada, tomados pelo terror os fugitivos deixavam para trás, armas, munição e animais.³⁷

Em capítulo posterior, José Expedito Rêgo trata das ações de Manuel Clementino na Balaiada, particularmente do momento em que é atingido mortalmente durante a batalha e, em seguida, sobre sua morte. Segundo seu relato, a morte de Manuel Clementino foi um choque para a população de Oeiras, os boatos eram descontraídos, afirmavam que os balaios tinham invadido o Piauí e que agora avançavam para conquistar Oeiras.

José Expedito Rêgo reverbera na sua obra as imagens heroicas de Manuel Clementino, exaltando seus feitos. Sua coragem e bravura são positivadas e capazes de fazer brotar o fervor patriótico na juventude de Oeiras. O autor afirma ainda, de forma positiva, o caráter de Clementino, quando o define como um homem bravo, corajoso e destemido, era ainda amante da ordem e da disciplina e detestava o roubo e a traição.

No entanto, José Expedito Rêgo enfatiza alguns aspectos que mostram outras facetas da personalidade de Manuel Clementino que poderiam ser percebidas como máculas à sua imagem heroica, pois o define ainda como um homem cruel; no entanto,

³⁶ A revolta de Pinto Madeira foi um movimento de rebelião, ocorrido na Província do Ceará, em 1832, durante o período inicial da Regência. Tinha caráter restaurador do Governo de D. Pedro I.

³⁷ REGO, José Expedito. **Né de Sousa**. Fortaleza, 1981. p. 177.

essa crueldade era direcionada aos inimigos, aos traidores, o que, de alguma forma, pode ser percebida como um atenuante. E assim afirma que Manuel Clementino destruiu a cidade de Mirador no Maranhão, durante a Balaiada, que mandava espancar os chefes militares rebeldes que caíam sob seu poder. Entretanto, suas ações seriam justificadas e atenuadas em sua negatividade, por serem praticadas contra um inimigo, percebido como perigoso, desumano, cruel, capaz das piores atrocidades, pois era assim que os balaios eram ditos pelas lideranças legalistas.³⁸

Em outro momento de sua escrita, José Expedito Rêgo manifesta o modo cruel com que Clementino puniu alguns soldados, subordinados seus, que haviam praticado o saque em algumas casas, depois de um determinado combate. Inconformados com a punição, e como forma de se vingarem do comandante, planejaram um motim que teria como ápice o assassinato de Manuel Clementino. Descoberta a trama, os soldados são exemplarmente punidos, amarrados e levados prisioneiros para Oeiras. Nesse caso, a crueldade de Clementino também pode ser relevada na sua mácula pelo fato de serem soldados traidores e assassinos em potencial.

Em síntese, José Expedito Rêgo releva e até nega algumas acusações que manchariam a reputação do Major Manuel Clementino. Em lugar de tratar de sua participação e interesse nos lucrativos saques, prefere defini-lo como um homem intransigentemente honesto. Se em vários momentos afirma sua crueldade como um traço de sua personalidade, procura legitimar certo cultivo de ódio por ser direcionado contra figuras humanas execráveis, contra ladrões, assassinos travestidos de rebeldes.

Uma questão que merece menção especial é a relevância e a forma épica como o acontecimento da morte de Manuel Clementino é abordado. O episódio final de sua vida é apropriado de forma mítica; Clodoaldo Freitas, seu crítico mais ácido, aponta sua morte como única justificativa para a construção discursiva do comandante das tropas governistas que o coloca no elevado patamar de herói: “a carreira dele como militar seria completamente obscura se o cargo que exerceu não viesse ensopá-lo de sangue e de lágrimas”.³⁹

³⁸ REGO, J. E., op. cit., 1981. p. 200.

³⁹ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. Teresina. p. 6.

Manuel Clementino é elevado ao patamar de Herói em decorrência da sua morte em combate. Segundo José Murilo de Carvalho, os heróis são símbolos poderosos, encarnam ideias e aspirações, são pontos de referência, suportes de identificações coletivas. Dessa forma, a elevação de alguns à condição de heróis é instrumento eficaz para alcançar as cabeças e os corações dos cidadãos e convencê-los a se colocarem a serviço de uma causa e para legitimar governos.⁴⁰

A morte de Manuel Clementino é o ponto central de vários relatos sobre sua atuação na Balaiada. O *Jornal O Telégrafo* faz uma narrativa épica do acontecimento; o escritor José Expedito Rêgo também monumentaliza o fato; Odilon Nunes, fundamentado na documentação oficial, assumindo na sua escrita um tom mais sóbrio, no entanto, ao relatar a morte de Clementino, apropria-se do relato de Esmaragdo de Freitas que, de forma sensível, descreve a morte do nosso personagem:

Foi nessa conjuntura que a atenção dos combatentes triunfantes se voltou para o vulto do chefe que se desmontara – e na estupefação, que um pressentimento constante não dirimira, viram muitos deles o corpanzil do homem bem apessoado, que os conduziu até ali, baquear, como uma árvore de grande porte, atingida por um raio da magia.⁴¹

Ainda citando Esmaragdo de Freitas, Odilon afirma que as últimas palavras do comandante foram: “avancem camaradas, que por morrer um homem, não se abandona a causa: só vos peço que sejais constantes e vingai-me a morte, morro contente por haver empregado os meus dias no serviço de minha pátria”. As últimas palavras de Clementino são sempre relatadas como as de um homem determinado, imbuído de uma causa, são palavras modelares que procuram difundir a ideia de que mais importante que a própria vida é o empenho por uma causa nobre, como era o amparo da pátria, na defesa da qual o homem não deve sentir medo de entregar a própria vida em sacrifício. Essa é a atitude de grandeza que se espera de um homem inspirado por motivações sublimes.

Assinale-se que não há relatos de medo, de desespero diante da inevitabilidade da morte, mas de coragem, de incentivo para que os companheiros deem continuidade à luta e a defesa da causa. A morte monumentalizada, as palavras supostamente ditas devem

⁴⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 55.

⁴¹ NUNES, Odilon. *Pesquisa para a História do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2007. p. 63.

servir para tocar os corações e as mentes dos companheiros; a coragem e a determinação na defesa da causa justa devem ser contagiantes e impulsionadoras da ação.

Clementino é assim discursivamente elevado ao panteão de heróis, é utilizado para encarnar a defesa da causa legalista contra os rebeldes balaios. Sua morte, seu exemplo de militar determinado devem ser suficientes para apagar qualquer mácula, qualquer gesto indevido. O comandante, agora morto, inerte, sem ação, deve continuar vivo, doravante de forma idealizada, bela, como uma inspiração em favor da causa que defendia.

LÍVIO LOPES CASTELO BRANCO

Dando sequência a apreciação das figuras masculinas de elite, alçadas à condição de centralidade e relevância no movimento da Balaiada, passamos a analisar a construção discursiva de Lívio Lopes Castelo Branco. O Nosso ponto de partida será mais uma vez o *Jornal O Telégrafo*, por entender que esses são os primeiros relatos escritos que procuravam dar visibilidade ao movimento, ao tempo em que delineavam o papel e a importância de cada um dos personagens aqui tratados.

Como afirmamos no início do texto, o jornal escolheu, deliberadamente, fazer uma retrospectiva histórica nas primeiras edições com o objetivo de informar a comunidade dos principais acontecimentos e das ações do Governo Provincial do Piauí, diante do desafio posto pelos rebeldes da Balaiada. Se do lado das lideranças governistas ganhou relevância, nesses relatos, a figura do Major Manuel Clementino, do lado dos rebeldes, o nome de Lívio Castelo Branco é deliberadamente o escolhido.

Lívio Lopes Castelo Branco aparece nos anos anteriores à Balaiada como uma liderança política emergente, advogado (sem formação), fazendeiro e político na região Norte do Piauí. Ainda jovem, por volta dos vinte e nove anos de idade, já havia exercido alguns cargos eletivos na sua região e parecia ambicionar postos mais elevados. Contudo, entendia que a força política hegemônica exercida pelas elites do Centro-Sul do Piauí, concentradas na cidade de Oeiras e capitaneadas pelo Barão da Parnaíba, era um empecilho às suas ambições políticas. Percebendo no Movimento Rebelde da Balaiada a possibilidade de desestabilizar politicamente o Barão da Parnaíba, e assim abrir espaço para que outros grupos de mando acessassem o jogo de poder no Piauí provincial, Lívio

arma um exército de 600 homens e parte para a Cidade de Caxias, onde se engaja no Movimento Rebelde, passando a se autodenominar de Comandante e Chefe das forças Bem-te-vis na Província do Piauí. A cidade sitiada caiu sob o domínio dos balaios em 01 de julho de 1839.

Segundo Clodoaldo Freitas, Lívio Castelo Branco manteve-se como um dos líderes rebeldes até 11 de setembro, quando resolveu sair do campo de batalha, deixando seus comandados e empreendendo fuga, passando pelas Províncias do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, até chegar ao Recife, onde se dirigiu para o interior da Província e se estabeleceu. Só voltou ao Piauí depois do Decreto de 22 de agosto de 1840, que anistiou os envolvidos com o Movimento Rebelde. Por todo esse período foi perseguido, e, mesmo preso, já depois de anistiado, foi solto em seguida.

Se Manuel Clementino foi escolhido e alçado discursivamente à condição de herói, como argumentamos anteriormente, podemos também afirmar que a mesma sorte não coube a Lívio Lopes Castelo Branco. Se o primeiro foi elevado à condição de herói, de protagonista, o segundo foi discursivamente construído como o anti-herói, como o não vir a ser das elites piauienses.

Que razões teriam levado os editores de *O Telégrafo* a, deliberadamente, enaltecer a figura de Lívio à condição de um dos personagens centrais no enredo inicial da Balaiada no Piauí? Acreditamos que o jornal era direcionado prioritariamente às elites, afinal de contas, entre eles estavam os letrados que poderiam acessar as informações escritas. No cálculo político do Barão da Parnaíba, o grande perigo estava na adesão das elites ao Movimento Rebelde, no risco de seus adversários direcionarem recursos materiais, representatividade política e social que tinham na Província, e passassem a apoiar o movimento, a organizar forças militares para reivindicar mudanças políticas, que teriam como objetivo final desalojar o Barão e o seu grupo de aliados do Poder provincial.

Diante dessas possíveis circunstâncias, Lívio Lopes Castelo Branco aparecia como um mal que deveria ser eliminado. Como o próprio *Jornal o Telégrafo* o define nos números iniciais, ele era um homem bem-nascido, mas que deu um mau passo, fez escolhas equivocadas, ao se juntar ao grupo de rebeldes. A desqualificação discursiva de Lívio Castelo Branco vai delineada nas páginas do jornal, à medida que esse é identificado

como um líder do Movimento Balaio, e o referido movimento é construído como fabricante de atrocidades, de assassinatos, de saques e de outros atos que desqualificariam um homem.

Logo no seu primeiro número, o *Jornal O Telégrafo* afirma que não iniciaria sua narrativa da Balaiada pelas ações do líder popular Raimundo Gomes, mas pelos acontecimentos que envolviam Lívio Lopes Castelo Branco, o seu envolvimento no cerco a Caxias, suas negociações com o Governador do Maranhão e a sua saída do conflito e a perseguição a ele, pois, a retrospectiva histórica termina na sexta edição do jornal, com o relato da morte de Manuel Clementino e com o aviso de recompensa pela captura de Lívio Lopes Castelo Branco, que se encontrava em fuga, possivelmente, na Província do Ceará.

Como afirmamos, a desqualificação de Lívio Lopes Castelo Branco vai se dando à medida que se monta o cenário desastroso, provocado pela Balaiada nas Províncias do Maranhão e Piauí. O ponto alto dos desastres seria exatamente o cerco e a ocupação da cidade de Caxias pelos rebeldes. Os relatos afirmam que inúmeros assassinatos foram cometidos, que os rebeldes promoveram o saque e a destruição de grande parte da riqueza acumulada na cidade, que era, naquele momento, o principal entreposto comercial de grande parte da Província do Maranhão e do Piauí.

Lívio é também construído como um homem sem palavras, sem honra, o que significava grave falha de caráter. A prova desse defeito era expressa no próprio jornal, quando publica as correspondências do líder rebelde, onde afirmava que as relações entre as forças militares em confronto deveriam ser marcadas pela honra militar, pelo direito de guerra, pelas garantias. Lívio, em seus escritos, parece apontar para a necessidade de construção de um entendimento entre os dois lados, e assim evitar o derramamento de sangue de pessoas não envolvidas com o conflito. Esses escritos são contestados, e contrapostos a relatos de assassinatos e outras violências cometidas por Lívio Castelo Branco no comando das forças rebeldes, o que seria a prova incontestada da sua falta de idoneidade moral.⁴²

Em outra correspondência, os escritos de Lívio Lopes Castelo Branco solicitam que as tropas governistas comandadas pelo Major Manuel Clementino não avancem para

⁴² O Telégrafo. Oeiras do Piauí, 2 de dezembro de 1839, n. 5, p. 2.

a região de Caxias, onde se concentravam as forças rebeldes; o pedido era justificado pois havia, segundo ele, avançadas negociações com o Governo do Maranhão e o movimento poderia ser pacificado, sem mais derramamento de sangue.

Os comentários do jornal mais uma vez questionam os verdadeiros interesses de Lívio Castelo Branco com a correspondência. Segundo *O Telégrafo*, as verdadeiras razões de Lívio eram a necessidade de ganhar tempo enquanto cuidava de colocar em segurança os bens havidos no saque promovido na cidade de Caxias. Outrossim, é apontado ainda que, diante dos desentendimentos que já se davam entre Lívio Lopes Castelo Branco e outros líderes rebeldes, ele já estaria procurando articular a melhor forma de se desvencilhar do seu envolvimento com a Balaiada, talvez pensando em um pedido de perdão. O que não tinha coragem de fazer abertamente ou maquinando a saída do movimento, o que acabou por ocorrer em forma de abandono das tropas sob seu comando ao empreender fuga.⁴³

Diante da falta de movimentação do Governo do Maranhão, em realizar um entendimento com as forças rebeldes, somados aos crescentes desentendimentos com outras lideranças do movimento e ainda da movimentação das forças legais do Piauí, em marcha para o combate em Caxias, ele resolve, no dia 11 de setembro de 1839, deixar o comando de suas tropas sob a responsabilidade de alguém de sua confiança e ausentar-se do Movimento Rebelde. O desfecho da participação de Lívio Lopes Castelo Branco no Movimento da Balaiada é também apontado por seus críticos como uma falha grave. Havia envolvido pessoas no movimento, havia movimentado interesses, e em momento de dificuldades empreende fuga. Clodoaldo Freitas assim se refere ao acontecimento:

Lívio ainda andou a frente dos insurretos, até que, na noite de 11 de setembro, dia de seu natalício, que assim foi celebrado, fugiu para Campo Maior, deixando desamparado aqueles que o acompanhavam em tão arriscada e triste empresa. De Campo Maior seguiu para Sobral e atravessando o Sertões do Rio Grande do Norte e da Paraíba, sempre perseguido, chegou ao Recife, de onde retirou-se para o interior, até que foi anistiado pelo Decreto de 22 de agosto de 1840.⁴⁴

⁴³ O Telégrafo. Oeiras do Piauí, 28 de novembro de 1839, n. 3, p. 2-4.

⁴⁴ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. Teresina. p. 11.

Com a fuga, encerra-se a participação efetiva de Lívio Lopes Castelo Branco na Balaiada. Do ponto de vista pessoal, o líder Bem-te-vi continuará a ser perseguido até o seu retorno ao Piauí, no ano de 1840.

Se a participação de Manuel Clementino encerrasse com sua morte em campo de batalha, de forma gloriosa para um soldado, a de Lívio recebe a mácula da deserção, da fuga. Essa diferença acompanhará Lívio durante toda sua vida e será sempre uma marca de suas memórias. Se Manuel Clementino, ao se ausentar forçosamente pelas circunstâncias da morte, fortaleceu os elementos construtivos de sua imagem como herói, Lívio, ao fugir, deu novas razões para ser detraído.

A deserção, o abandono dos comandados, diante da ética militar, tão reivindicada por Lívio, em seus escritos, são faltas graves. Ao comandante cabe a liderança, a definição das estratégias; os soldados devem ser encorajados por seus gritos de guerra, que reclamam dos comandados a coragem, a bravura, o destemor diante do adversário. A deserção é sempre percebida, do ponto de vista das masculinidades, como um ato de fragilidade, de desvirilização.

O início e o envolvimento dos homens em um conflito que deflagra a sociedade e que provoca sérios desarranjos políticos, econômicos e sociais, como uma guerra civil, só são minimamente justificados, atenuados na sua malignidade, quando as motivações são nobres: como a luta contra a tirania.

Diante do exposto, podemos afirmar que a pessoa de Lívio Lopes Castelo Branco e a forma como foi discursivamente apropriado e construído ganhou máculas que parecem difíceis de apagar.

Os escritos de *O Telégrafo*, que atendem a demandas discursivas localizadas e direcionadas, pois também atendem aos interesses do grupo político, capitaneado pelo Barão da Parnaíba, constroem a imagem de Lívio Lopes Castelo Branco como um não vir a ser masculino: homem de elite, bem-nascido, inteligente, no entanto, deixa-se levar por ambições menores, alia-se a homens desqualificados na promoção de desordens e de crimes os mais variados. Os redatores de *o Telgrafo* usam seus escritos, e mesmo as atitudes como a fuga, para desqualificarem seu caráter como homem e como comandante militar. Apontando, como únicas razões para suas atitudes, o medo do confronto direto

com as forças governistas, capitaneadas no momento por Manuel Clementino; a ambição de riquezas indevidas como os frutos dos saques realizados na cidade de Caxias; e a falta de firmeza de caráter, a não realizar na prática o que afirmava com palavras ditas ou escritas.

Clodoaldo Freitas, ao referir-se a Lívio e às implicações familiares de seu envolvimento na Balaiada, afirma que Miguel Borges, seu filho, cresceu, sob o signo do envolvimento do pai na rebelião: “O pai vencido, foragido, preso, perseguido, andava, longe do lar, curtindo as amarguras e remorsos do seu crime, porque nas lutas civis, o criminoso é sempre o vencido, o vencedor é sempre o herói”.⁴⁵

A afirmação final é bastante elucidativa quanto às imagens que se constroem sobre vencidos e vencedores em qualquer pós-guerra; no entanto, no livro *A Balaiada*, os comentários de Clodoaldo Freitas assumem perfil mais ácido nas referências a Lívio Lopes Castelo Branco. Quanto à participação de Lívio no referido movimento, afirma que teve efetivo início com o cerco de Caxias no Maranhão, correndo assim também, sob sua responsabilidade, parte dos horrores que se seguiram a tomada da cidade, que, por ser rica, e florescente, foi o alvo preferencial dos rebeldes.

Clodoaldo Freitas não vê com bons olhos a Balaiada,⁴⁶ define-a, logo nas suas primeiras palavras, como um movimento calamitoso, onde os interesses mesquinhos, a pequenez de espírito das elites governantes, e uma série de mazelas no trato com a coisa pública parecem ficar mais evidentes. Finalizando os comentários sobre a participação de Lívio Lopes Castelo Branco na Balaiada, Clodoaldo o define como um homem ambicioso, que se mostrou na prática do conflito, um chefe de salteadores, que se aproveitaram do Movimento Rebelde para se locupletarem com a desgraça dos concidadãos. Afirma ainda que não consegue vislumbrar qualquer motivação nobre que amenize os atos cometidos por Lívio na Balaiada e conclui afirmando:

⁴⁵ FREITAS, Clodoaldo. **Vultos piauienses**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1978. p. 143.

⁴⁶ Na página 66 do Livro *A Balaiada*, Clodoaldo Freitas afirma que a Balaiada serviu como motivação para as depredações do Visconde da Parnaíba e de sua família. Segundo ele, os grandes vencedores e os que mais acumularam bens com as recompensas cobradas aos presos bem aquinhoados, e aos saques que promoveram por onde passaram. Quanto ao movimento em si, o caracteriza como carente de intuítos, sem chefes claros e que pudessem dar organicidade ao movimento e encaminhamento político de alguma repercussão na Província.

A sua responsabilidade é imensa, o seu crime maior, e, mais do que ambos, a sua fuga na hora em que ia pôr-se frente ao inimigo, é uma vergonha de que nunca se lavarã, quaisquer que sejam as atenuantes de que se queiram lançar mão em seu favor.⁴⁷

Dando continuidade à construção discursiva de Lívio Lopes Castelo Branco, consultamos alguns relatos historiográficos, sendo o mais denso deles escrito por Miguel Borges Leal Castelo Branco, que vem a ser filho do personagem em tela.

Miguel Borges, ao usar da escrita para retratar a figura do pai, o faz elaborando uma biografia; faz uso da história, talvez com a intenção de dar mais força de verdade a seu relato. Na construção discursiva, Miguel Borges retrata Lívio como homem bem-intencionado, movido pelo censo de justiça, pelo interesse de defender os interesses dos mais fracos, e guiado pela força avassaladora do amor pátrio. São esses também os motivos nobres que definem a personalidade de Lívio Lopes Castelo Branco, no discurso elaborado por seus companheiros do partido liberal quando de sua morte em 1869.

Segundo seu biógrafo, em decorrência de ser um homem motivado por interesses elevados, procurou, logo depois da vitória sobre a cidade de Caxias, manter o controle sobre as tropas rebeldes, evitando saques e violências exacerbadas. Buscou o diálogo com o Governador do Maranhão, no sentido de resolver demandas dos revoltosos e pacificar a rebelião. Diante das tergiversações e fragilidades do Presidente Maranhense e das dificuldades em manter as tropas rebeldes sob controle, Lívio acaba desistindo e saindo do cenário de luta. Em fuga, ausenta-se do Piauí, só voltando depois da anistia concedida pelo Governo Imperial.

A construção discursiva que Miguel Borges faz de Lívio Castelo Branco procura idealizar o homem, lustrar sua imagem com motivações e ideais superiores, envolve-se em movimento de sedição, mas o faz por causas justas: o censo de justiça, a defesa dos interesses dos mais fracos, tendo como guia a força avassaladora do amor pátrio. Os escritos de Miguel Borges sobre Lívio Castelo Branco são claramente marcados por argumentação retórica moderna, centrada na idealização de uma masculinidade guiada por motivações superiores. Porém, diferentemente das idealizações de Manuel

⁴⁷ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**, p. 12.

Clementino, não são feitas referências à coragem marcial, pois, a fuga, o abandono dos companheiros na proximidade da batalha, impedem esse tipo de argumentação.

Na falta da coragem marcial, o biógrafo busca outros argumentos para lustrar o biografado, quando afirma a suposta constante tentativa de Lívio Castelo Branco em manter o controle sobre as tropas rebeldes. Constrói Lívio Castelo Branco, como homem capaz de ter a grandeza de se deixar motivar pela generosidade, de se ariscar para diminuir o sofrimento dos mais humildes, de alguém marcado por profundo censo de justiça e humanidade.

Em síntese, a construção discursiva que procura salvar a memória de Lívio Castelo Branco não firma sua positividade como herói, na bravura do soldado, mas procura encontrar nele outros valores e práticas que justifiquem sua construção discursiva como homem superior. Esse é o objetivo, ao afirmar o interesse de Lívio no diálogo, na busca do entendimento, da pacificação dos revoltosos, envidando esforços para minimizar os males aos outros cidadãos e às suas propriedades, à medida que procurava conter os ânimos mais exaltados e os interesses vis, inferiores, de seus aliados e subordinados que queriam promover o saque e o terror.

Na impossibilidade de lançar mão da força simbólica presente na figura do soldado que se mostra capaz de sacrificar a própria vida pelos companheiros e pela pátria, Miguel Borges constrói Lívio como um homem superior, capaz de se envolver no conflito, para nele exercer a função de mediador, de conciliador, de pacificador, só se ausentando da luta ao perceber que seus esforços seriam em vão. Essa é a saída retórica encontrada para enaltecer a figura de Lívio. A idealização masculina moderna se faria presente pelo caminho da civilidade, da moderação, do espírito de contenção, de entendimento.⁴⁸

Quanto a esse último aspecto, podemos ainda fazer algumas observações. Se analisarmos a correspondência de Lívio Lopes Castelo Branco, encaminhada ao comando das forças governistas e publicada no *Jornal O Telégrafo*, podemos perceber que o autor

⁴⁸ Sobre os padrões masculinos modernos, cf. o artigo de Pedro Vilarinho Castelo Branco: Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História Unisinos*. Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p. 85-95, 2005; e O livro *A invenção do falo* de Durval Muniz é obra de referência sobre a Construção das masculinidades no Nordeste.

da correspondência procura abrir um canal de comunicação, apela para a palavra de honra militar, solicita que alguma negociação seja aceita, afirma o caráter político do movimento e indaga se havia a garantia dos Correios, a fim de que se pudesse, debaixo de boa-fé corresponder. Esse pode ser um indício que, somado a outros, poderia fortalecer parte da argumentação de Miguel Borges, quando quer construir a imagem do pai como alguém que buscava a conciliação, o entendimento.⁴⁹

Se a participação na Balaiada é percebida e dita como um dos grandes feitos do Barão da Parnaíba e mesmo de Manuel Clementino, homens ligados às elites de Oeiras, a participação de Lívio será sempre percebida como uma mácula.

O próprio Miguel Borges em sua biografia, nos informa que a participação de Lívio na Balaiada acompanhou o pai por toda a vida, e foi sempre munição usada por seus adversários: “Lívio Lopes, porém, a par de seus muitos dias de glória, como o que teve nas vezes em que triunfou em eleições, jamais deixou de ter, também, uma estrela adversa, que parecia querer anuviar o brilho de todas as suas ações”.⁵⁰

A participação no Movimento Rebelde, e as implicações desse envolvimento povoam também as memórias familiares em outros escritos, Carlos Castelo Branco, jornalista, em seu discurso de posse na Academia Piauiense de Letras, no ano de 1984, ao mencionar seus antepassados, a sua família, tece algumas referências a Lívio Lopes Castelo Branco, afirmando que, o envolvimento do ascendente na Balaiada ocasionou certa perda material à família.

No relato de Carlos Castelo Branco, a prosperidade da Família, pelo menos no ramo de sua origem, teria se mantido pelo menos até meados do século XIX, quando um de seus tetra-avós – Lívio Lopes Castelo Branco – armou um pequeno exército e se envolveu na Balaiada, perdendo homens cavalos e bens. Uma neta do caudilho, irmã de sua avó, contava-lhe, quando menino que, segundo a tradição familiar, Lívio fazia os filhos passearem, nos fins de tarde, com sapatos bordados a fio de ouro, nos braços de mucamas vestidas de cetim amarelo. Nas palavras do próprio Carlos Castelo Branco, o

⁴⁹ Entendemos que a correspondência de Lívio Castelo Branco, publicada no **Jornal O Telégrafo**, no ano de 1839, pode dar pistas seguras das intenções do autor com o movimento da Balaiada, e mesmo do seu perfil; no entanto, precisamos de maiores investigações para desenvolver o argumento.

⁵⁰ CASTELO BRANCO, Miguel Borges Leal. **Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016. p. 127.

relato provavelmente não passe de lenda, mas assinala a saudade pelos supostos perdidos dias de fausto que seguiram ao envolvimento de Lívio na Balaiada.⁵¹

Outro descendente seu, Moisés Castelo Branco, ao tratar da Balaiada, afirma que Lívio Lopes Castelo Branco se envolveu no movimento, após encontro que teve em Campo Maior com Raimundo Gomes e um grupo de rebeldes que, depois de embates com forças militares nas proximidades de Parnaíba, no litoral do Piauí, seguiram rumo a Campo Maior, onde tratou com Lívio Lopes Castelo Branco.

Moisés, assevera ainda que o acerto entre os dois seria lutar pelo afastamento do Barão da Parnaíba do Governo do Piauí. Em síntese, Moisés Castelo Branco afirma que a motivação era política, o afastamento do Barão do poder. Ao analisar o caráter e as motivações para a ação do homem Lívio Castelo Branco, o autor em análise o define como destemido, sensível às reivindicações populares, no que faz coro a outros relatos que usam a força de expressões retóricas procurando lustrar o indivíduo.⁵²

Em conclusão, asseveramos que as memórias referentes a Lívio Castelo Branco se misturam entre o brilho da rebeldia, da generosidade capaz de sacrifícios pessoais em nome de valores humanitários, e certa percepção envergonhada de carregar a mácula de um mau passo seja considerado: um mau passo, o envolvimento com um Movimento Rebelde ou ainda a fuga do campo de batalha.

MANUEL DE SOUSA MARTINS – O BARÃO DA PARNAÍBA

Manuel de Sousa Martins, o Barão da Parnaíba, que depois foi agraciado com o título de Visconde da Parnaíba, trata-se de uma personalidade que, independente de qualquer juízo de valor, ocupa um espaço significativo na história do Piauí no século XIX. Seu envolvimento com o poder teve início ainda no final do período colonial, quando participou de juntas governativas e depois do processo de Independência, concluído em 1823, quando assumiu o Governo da Província e nele se manteve como membro de juntas governativas ou como titular até 1843, quando foi substituído definitivamente já contando

⁵¹ CASTELO BRANCO, Carlos. **Castelo na casa de Lucídio Freitas**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1984.

⁵² CASTELLO BRANCO, Moisés Filho. **O Piauí na história militar do Brasil - 1759-1984**. Teresina, 1984.

com a idade de setenta e seis anos. O então Visconde da Parnaíba se ausentou do Governo, mas não da política, pois continuou atuando e participando das tramas e intrigas que se passaram na política do Piauí até os anos 1850, quando vem a falecer, em 1856, aos 89 anos de idade.

Manuel de Sousa Martins é possivelmente um dos personagens da História do Piauí mais discutidos e alvo de atenções; os relatos sobre ele estão presentes em obras literárias, em biografias e em livros memorialísticos. Na presente análise, centraremos as nossas atenções no livro *A Balaiada* de Clodoaldo Freitas, e em algumas outras poucas obras que o retratem e que avaliamos aqui.⁵³

Clodoaldo Freitas, no livro *A Balaiada*, elenca o Presidente da Província como um dos homens que protagonizou a defesa dos interesses legais e empreendeu a repressão ao movimento de sedição. Na referida escrita, descreve o Presidente da Província como uma pessoa acessível, urbano no trato particular, desapegado de etiquetas e aparatos, e ainda como um homem devoto que trazia consigo crucifixos e outros amuletos de proteção pessoal. A descrição de Clodoaldo se aproxima muito dos relatos feitos pelo naturalista inglês Georges Gardner, que tratou pessoalmente com o Barão da Parnaíba nos anos 1840. Ainda segundo Clodoaldo Freitas, esse homem cordial e de bom trato se transformava em uma personalidade de espírito agressivo, principalmente quando contrariado em suas vontades e interesses.

Esse perfil pessoal acabou por se caracterizar também no perfil do governo por ele comandado na Província do Piauí, pois seu governo foi, segundo definição de Clodoaldo Freitas, caracterizado pelo despotismo e pessoalidade com que tratava os interesses do Estado, como bem expressa no seguinte trecho:

Basta me dizer que durante todo esse espaço (Tempo de Governo do Barão), a razão, e o direito, a justiça e a liberdade se limitavam à norma traçada pela vontade onipotente do presidente, que absorvia tudo. O imposto, o voto, a lei desciam enxovalhados do santuário da divindade ao antro dos interesses inconfessáveis e dos caprichos levianos do

⁵³ Sobre Manuel de Sousa Martins, existem muitos trabalhos biográficos e mesmo relatos em textos historiográficos que foram deliberadamente, por questões de exiguidade de tempo para elaboração do texto, deixados sem a devida apreciação.

déspota... O trabuco certo do assassino venal fez muita consciência calar-se na mudez terrível dos túmulos.⁵⁴

Clodoaldo Freitas, ainda define o Barão da Parnaíba como um misto singular de virtudes e vícios, como um homem fruto do seu tempo; não favorecia o florescimento do espírito de liberdade, de construção de cidadãos e onde o interesse público vivia em profunda simbiose com os interesses privados. O Barão era o chefe maior de um grupo político, que, concentrado em Oeiras, se ramificava com aliados por toda a Província, dominava o Piauí e usava a estrutura do poder público e a autoridade de governante que controlava para beneficiar e fortalecer a si e aos aliados. Para o autor, a Balaiada teve uma grande utilidade para as elites que comandavam a Província, o Barão e seus aliados aproveitaram o evento, para massacrar adversários e trazer para seu poder patrimônios ainda mais significativos.

É assim que, ao tratar das incursões militares do Major Manuel Clementino, ainda no início da Balaiada, Clodoaldo Freitas dá conta do ocorrido com o Senhor José de Sousa Maranhão, o autor dá a entender que Manuel Clementino, ao sair de Oeiras no comando das tropas governistas, levou algumas ordens secretas do Barão da Parnaíba, que seria agir contra o referido Senhor José de Sousa Maranhão, considerado inimigo do Barão.

À espera por novas ordens vindas de Oeiras, Manuel Clementino teria posto em ação alguns homens para fazerem diligências e efetuar a prisão do referido homem. Mesmo alheio ao Movimento Balaio, o homem foi preso e conduzido à presença do comandante, que o recebendo brutalmente, dirigindo-lhe inúmeras injúrias e ameaças, remeteu-o em seguida para Oeiras, onde ficou detido muitos meses, sem outra culpa a não ser a de ser inimigo do Barão.

O caso de Sousa Maranhão não foi o único, e nos escritos de Clodoaldo Freitas são relatados outros fatos, praticados por outros comandantes das tropas governistas, mas sempre tendo como a motivação principal o fato de serem pessoas ricas, de projeção

⁵⁴ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**, p. 21.

social, que, muitas vezes, não tinham qualquer envolvimento com a Balaiada, mas que pagavam pelo crime de serem inimigos do Barão da Parnaíba.⁵⁵

Clodoaldo Freitas, como já afirmado anteriormente, assume posição contrária à Balaiada, não vendo no movimento nenhuma motivação nobre que justificasse tamanho derramamento de sangue. Para ele, quem mais se favoreceu com o movimento foram o Barão da Parnaíba e seus aliados, como deixa expresso no seguinte trecho: “A guerra dos balaios foi um motivo para as depredações do Visconde da Parnaíba e de sua família [...]. Levantamento desordenado, abafado em sangue”.⁵⁶

Em outro trecho, assevera que a população foi a grande vítima do movimento, à medida que tanto os balaios quanto as forças governistas praticaram o saque, e a depredação das propriedades como modo de operação no conflito. Por sua vez, ao concluir a análise faz uma última afirmação sobre as ações dos dois grupos em combate: “Os balaios foram violentos e assassinos; porém, piores, mil vezes piores do que eles foram os chefes e soldados das forças legais. As páginas que aí ficam provam esta triste verdade”.⁵⁷

Do ponto de vista do Barão da Parnaíba, a Balaiada havia servido para consolidar o poder do seu grupo de poder concentrado em Oeiras, para massacrar alguns adversários políticos e ainda para aumentar algumas fortunas particulares que se viram acrescidas com o resultado de práticas de extorsão e pilhagem. Se determinadas práticas, como as referidas anteriormente, ferem as sensibilidades modernas, civilizadas, precisamos entender que elas se enquadram dentro de possibilidades existenciais presentes do meio social no tempo e no espaço aqui tratados.

Outro trabalho, de caráter biográfico, que trata do Barão da Parnaíba e que nos dá pistas para entender a construção discursiva de Manuel de Sousa Martins é o artigo do General Abimael Clementino Ferreira de Carvalho, ele também afirma que o Barão da Parnaíba, em alguns momentos, era homem capaz de comportamentos agressivos.

⁵⁵ Outro caso relatado por Clodoaldo Freitas encontra-se nas p. 63-65, onde Clodoaldo Freitas descreve as ações de um comandante das tropas governistas contra o Senhor José Pereira da Silva Mascarenhas, proprietário do Sítio Buritizal, às margens do Uruçuí. FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. p. 63-65.

⁵⁶ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. p. 66.

⁵⁷ FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. p. 67.

Contudo, isso não era traço peculiar, mas sim uma possibilidade existencial nas masculinidades do Piauí oitocentista.

O Barão era homem forte e enérgico, produto do tempo e do meio social em que viveu, devendo ser compreendido de forma integrada com seu tempo. Época em que os escravos eram açoitados, os presos espancados nas cadeias, os soldados chicoteados nos quartéis, os marinheiros vergastados nos navios, as crianças castigadas nas escolas, os filhos surrados em casa pelos pais.

Os biógrafos do Barão da Parnaíba, aqui já citados, apontam para a compreensão de suas ações e de seu comportamento como uma possibilidade do meio social em que estava inserido, e diretamente relacionada à sua condição de potentado rural, em situação de comando do poder provincial. Essa compreensão do Barão da Parnaíba significa uma possibilidade de seu tempo, marcado pelo patriarcalismo, pela força da vontade masculina, e pela possibilidade do uso da violência, como uma forma de fazer e aplicar as penas aos que fossem considerados transgressores da ordem estabelecida.

O Barão não se envolve diretamente nos campos de batalha, comanda toda a ofensiva contra os rebeldes, enviando a seus subordinados ordens de ação, partindo de Oeiras; no entanto, com ordens suas foram promovidas muitas execuções sumárias de rebeldes vencidos, inúmeros outros foram aprisionados, flagelados e depois enviados para São Luiz no Maranhão ou para Oeiras como prisioneiros de guerra. Entre os torturados, nem mesmo escaparam os chefes rebeldes, com vínculos familiares de elite, como foi o caso do Ruivo – Francisco Lopes Castelo Branco – que foi açoitado, mas que conseguiu sobreviver, diferentemente de outro líder rebelde Capitão Manuel de Figueiras Mascarenhas Feitosa, “o Brasa viva” que morreu em consequência dos açoites sofridos.

A documentação explicita ainda um forte espírito revanchista por parte do Barão, quando a guerra já estava vencida, continuava a insistir para que os rebeldes refugiados nas províncias vizinhas fossem presos e punidos. É assim que Lívio Lopes Castelo Branco, mesmo beneficiado pela anistia oferecida pelo Governo Imperial, é preso no Ceará e tem que postergar seu retorno ao Piauí.

O Barão da Parnaíba é plenamente um homem do seu tempo no Piauí oitocentista; podemos defini-lo como potentado rural bem delineado, homem acostumado a ser

obedecido, avesso a formalidades institucionais modernas. Para esses potentados rurais, não existem intermediações discursivas, sentimento de culpa, limites morais para a ação, não há reconhecimento de qualquer valor no adversário, pois estes são percebidos como “canalhas, bandidos, rebeldes. E assim sua eliminação física, é o caminho a ser tomado. As punições são dadas no próprio corpo. Não há espaço para eliminações simbólicas do adversário. A punição é direta, é concreta, é real, é na retirada da vida, é na humilhação física e espiritual do adversário.

Outro traço marcante em muitos relatos sobre o Barão da Parnaíba é ser exemplo de uma potência masculina ligada a cidade de Oeiras, capital do Piauí até 1852, expoente maior do poder das elites do Centro-Sul do Piauí. Manuel de Sousa Martins, foi o responsável pelo maior brilho, pelos maiores feitos que procuravam consolidar o poder e a força de uma cidade e de uma elite.

A vitória do Barão na Balaiada é também a vitória de Oeiras, das suas oligarquias, da sua virilidade, que posta à prova de fogo, que questionada por outros homens, por outros interesses políticos, como os de Lívio Lopes Castelo Branco, e outros representantes das elites, de outros espaços de mando no território do Piauí provincial, venceu, triunfou, impôs sua força.

Nessa disputa de memórias, a que conclusões em construção podemos chegar nesse momento? Indiscutivelmente, no campo de batalha, a vitória coube ao projeto capitaneado pelo Barão da Parnaíba. Assumiu o planejamento e as ações das tropas legalistas no Piauí, usou das energias militares necessárias para promover a derrota e a humilhação aos adversários independente do estrato social. Aos adversários originários das camadas populares, que ousaram sonhar com uma vida diferente, restou além da derrota física, real, a perda simbólica da disputa das memórias.

Quanto às disputas simbólicas no campo das masculinidades de elite, no nosso modo de entender, mais uma vez a vitória coube às elites de Oeiras. Enquanto o Barão e depois Visconde da Parnaíba é escrito em romances, em relatos historiográficos ou memorialísticos como a grande liderança do Piauí, no século XIX, ou ainda enquanto Manuel Clementino de Sousa Martins tem a defesa de sua honra e de sua memória, dos

valores de sua masculinidade marcial enaltecidos e registrados, os relatos sobre Lívio Lopes Castelo Branco, seguem tímidos, e concentrados nos escritos de familiares.

No entanto, a vitória do Barão da Parnaíba acabou nos anos seguintes, perdendo parte da sua energia. O Governo Imperial, que havia enviado forças para conter o movimento da Balaiada e que estava progressivamente pacificando o Império, agora procurava impor uma nova ordem política às províncias, estabelecer sua força, centralizar o poder de mando na figura imperial e na estrutura burocrática a seu auxílio e limitar o poder político dos grupos oligárquicos regionais.⁵⁸

Manuel de Sousa Martins, agora Visconde da Parnaíba, em 1843, com setenta e seis anos e marcado pelos sinais da decrepitude, frutos da idade avançada, foi afastado do poder provincial. Outros Presidentes de Província o sucederam.

O Visconde da Parnaíba e seu grupo continuavam detentores de grandes fortunas e de grande prestígio político e social, no entanto, o jogo do poder político na província ficara mais complexo, novos grupos oligárquicos aprendiam as regras do jogo político propostas pela Ordem Imperial. O próprio Império impunha novas regras onde o acesso ao cargo de Presidente passava a ser uma indicação direta do Imperador e um cargo que seria ocupado por políticos de origem provincial diversa.

A segunda metade do século XIX trouxe consigo, do ponto de vista político, a maturidade do Governo imperial brasileiro, e a conjuntura econômica, influenciada pela ascensão do capitalismo na Europa, cobrava um rearranjo das forças produtivas em âmbito nacional e regional.⁵⁹ O Piauí precisava adaptar-se a esses novos modelos, e o fez em seu ritmo, de forma lenta e gradual.

Entre as mudanças propostas e executadas, estava a mudança da capital; assim, um jovem político de origem baiana, mas com a força da indicação imperial, aliado às

⁵⁸ Sobre as reformas políticas do Estado Imperial brasileiro no final do período regencial e no segundo reinado ver: CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: **A construção Nacional. 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 83-130.

⁵⁹ Sobre as novas propostas para a economia brasileira no início do Segundo Reinado, cf.: PAULA, João Antônio de. O processo econômico. In: **A construção Nacional. 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 179-223. Outra obra que auxilia no entendimento das propostas de reestruturação da economia no Brasil Império, particularmente no contexto das províncias situadas no Norte do Império, é o livro de Evaldo Cabral de Melo: **O Norte agrário e o Império**. Publicado pela Nova Fronteira, principalmente o capítulo denominado: “As províncias do Norte e os melhoramentos materiais.

elites do Norte do Piauí, retira de Oeiras um de seus principais trunfos, seu *status* de capital provincial. A sede política e administrativa da província migra para o Norte, para Teresina.⁶⁰

As referidas perdas reais e simbólicas esvaziam a cidade de Oeiras na sua potência, se transformam em sinônimo de saudade de um tempo de brilho pretérito, a apelar constantemente para a história e a memória. Logo, enaltecer a memória, a bravura, a coragem, a habilidade guerreira e a capacidade estratégica de suas figuras masculinas da primeira metade do século XIX são também uma forma de manter viva a potência da primeira capital.

É exatamente a necessidade de manter vivo o seu brilho, a sua autoestima, que fazem com que a memória seja tão zelosamente cuidada, e que seus personagens, seus feitos, particularmente os ligados ao processo de independência e a Balaiada sejam lembrados e ciosamente defendidos contra o esquecimento e contra os detratores.

Para os quadros políticos emergentes que disputariam espaços de poder no Piauí, na segunda metade do século XIX e no século XX, com o grupo de herdeiros políticos do Visconde da Parnaíba, coube a tarefa de construir e valorar outras memórias; aos poucos outros feitos históricos foram sendo valorizados, outras memórias enaltecidas. Assim a construção da Batalha do Jenipapo, evento ocorrido em Campo Maior em março de 1823, como uma grande efeméride, ou ainda a canonização do 19 de outubro, data ligada às elites do Norte do Estado nos eventos da independência do Piauí, são frutos de querelas simbólicas e resultados efetivos das contendas pela memória. Nessa disputa, o dia 24 de janeiro, data reivindicada pelas elites do Centro-Sul do Piauí como principal data cívica do Estado, como marco fundador da sua independência e adesão ao Império do Brasil, assume papel acessório, não é esquecida, mas fragilizada na sua importância e centralidade.

⁶⁰ Sobre o contexto histórico do Piauí nos anos 1840-1850, cf.: Tempo de mudança – o meio do século e perspectivas futuras. In: MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Tempo de Balaião**. Florianópolis: UFSC, 1993.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego. In: **Nos destinos de fronteira**. Recife: Bagaço, 2008. p. 350-371.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do falo**. Maceió: Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ALENCASTRE, J. M. Pereira de. Notas Diárias sobre a revolta civil que teve lugar nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará, pelos anos de 1838, 1839, 1840 e 1841, escritas em 1854 à vista de documentos oficiais. **Revista do IHGB**, n. 35, 1872.

BRITO, Benedito de Sousa. A verdade histórica e o bravo Major Manuel Clementino de Sousa Martins, um dos heróis da Balaiada. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 2, p. 153-161, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: **A construção nacional. 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 83-130.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Entre a história e a memória: práticas masculinas no Piauí oitocentista. **Projeto História** (PUCSP), v. 45, p. 187-217, 2012.

CASTELO BRANCO, Miguel Borges Leal. **Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

CASTELO BRANCO, Carlos. **Castelo na casa de Lucídio Freitas**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1984.

CASTELLO BRANCO, Moisés Filho. **O Piauí na história militar do Brasil - 1759-1984**. Teresina, 1984.

DIAS, Claudete Miranda. **Balaios e Bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FREITAS, Clodoaldo. **A Balaiada**. 1894. p. 6.

FREITAS, Clodoaldo. **Vultos piauienses**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 426.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. **Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão**. Desde 1839 até 1840. São Paulo: Siciliano, 2001.

MELO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Tempo de balaio**. Florianópolis: UFSC, 1993.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2007. v. 3.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social das masculinidades**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Maria Amélia Freitas Mendes de. **A Balaiada no Piauí**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

PAULA, João Antônio de. O processo econômico. In: **A construção nacional**. 1830-1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 179-223.

REGO, José Expedito. **Né de Sousa**. Fortaleza, 1981.